

# Telefone Celular e Espaço Pessoal

Luiz de C. Duarte, Tatiana Yokoy de Souza e Thais Cardoso Sathler Rosa

**Resumo:** O presente estudo teve como finalidade verificar a relação entre espaço pessoal e a utilização do telefone celular. A amostra foi constituída por 102 respondentes, de ambos os gêneros com idade média de 32 anos. Foi aplicado um instrumento que mediu o grau de incômodo dos usuários ao falarem no celular. Através da análise fatorial dos itens, constatou-se a existência de no máximo quatro fatores. Pode-se observar que a maior frequência de incômodo (sempre) obteve 52,9% das respostas no fator compostos por itens relacionado com alta densidade em lugares fechados. Já a menor frequência de incômodo (nunca) obteve sua porcentagem de respostas mais elevada (33,4%) no fator relativo a características do invasor. De acordo com Sommer (2002), a alta densidade quando acompanhada por aglomeração produz proximidade indesejada e diminui as fronteiras do espaço pessoal. Telefone, radio, televisão, computadores e outros meios combinam-se para criar ambientes que, juntos estabelecem um domínio de processamento da informação, o domínio das psicotecnologias. Frente a importância deste fenômeno no mundo atual, já que há uma tendência crescente de adesão ao celular, sugere-se novos estudos.

A Psicologia Ambiental trata do relacionamento entre o comportamento e o ambiente físico de maneira bidirecional. Como características deste campo de estudo são citadas por Günther e Rozestraten (1993): gestaltista, ecológica, social, interdisciplinar, multi-metodológica e de pesquisa-ação. Esta é uma área relativamente recente, onde o contexto é bastante relevante. De acordo com a organização de Gifford (1987) em Günther e Rozestraten (1993), a Psicologia Ambiental estuda: processos individuais (percepção e avaliação do ambiente, personalidade e ambiente), processos sociais (espaço pessoal, territorialidade, aglomeração, privacidade) e processos sociais (comunidade, ambientes específicos como trabalho, viagem, lazer, planejamento de ambientes apropriados, e promoção ambiental/ecológica). O presente estudo tem como finalidade verificar a relação entre espaço pessoal e a utilização do telefone celular.

Sommer (1973) define espaço pessoal como uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa e na qual estranhos não podem entrar. Tal termo segundo o autor (2002) foi introduzido na literatura para descrever uma zona emocional em torno do corpo humano a qual as pessoas sentem que é “seu espaço”. Esta definição é

bastante aberta e ao não definir a distância exata ela possibilita que os valores culturais sejam levados em consideração. Quando se pensa em limites invisíveis ao redor do corpo pode-se inferir que cada pessoa terá sua distância ótima na qual se sente bem ou se adapta quando outras pessoas se aproximam. Outra característica do espaço pessoal é o fato de ser um território portátil já que acompanha a pessoa onde quer que ela esteja. Esta característica remete ao fato de que em certas situações este território possa desaparecer como em casos onde a densidade do local é bastante elevada.

O espaço pessoal não é puramente particular, ele é interpessoal. Só pode existir na interação social. Sua extensão e sensibilidade irão depender de aspectos de interação social como ângulo de orientação e contato visual. O contato do outro com ele é gradativo, e deve ser adaptado com relação à intimidade com o indivíduo e o nível de comunicação que se pretende ter.

Com relação ao papel cultural, pode-se dizer que o espaço pessoal é culturalmente aprendido, e cada cultura tem a sua concepção de espaço pessoal. Isso pode gerar mal-entendidos e incidentes desagradáveis, caso algum dos envolvidos na interação desconheça as normas culturais do indivíduo com quem se está relacionando. Para Sternberg (1996), em uma dada cultura, a maior proximidade geralmente indica que: as pessoas percebem-se numa relação íntima; as pessoas estão participando de uma situação social que permite a quebra dos limites do espaço pessoal, o “violador” dos limites está dominando a situação.

Sommer (1973) faz uma diferenciação entre espaço pessoal e distância individual. Para o autor a distância individual existe apenas quando dois ou mais membros da mesma espécie estão presentes, e sofre muita influência da densidade da população e do comportamento territorial. Sua violação relaciona-se com as expectativas da sociedade, enquanto a invasão do espaço pessoal relaciona-se com a intrusão nas fronteiras do eu da pessoa. O autor segue argumentando que de acordo com as

---

A Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental reproduz trabalhos de alunos das disciplinas Psicologia Ambiental e Psicologia Social. Estes trabalhos empíricos fazem parte das exigências destas disciplinas. Frequentemente, foi a primeira pesquisa realizada pelos autores.

---

*Sobre o autor:* Ao desenvolver este trabalho as autoras eram alunas da disciplina Psicologia Ambiental, ministrada pela mestranda Ludmila Fernandes da Cunha, sob a orientação do professor Hartmut Günther, durante o segundo semestre de 2001.

Endereço para contato: Laboratório de Psicologia Ambiental, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Caixa Postal 4480, 70919-970 Brasília, DF; [hartmut@unb.br](mailto:hartmut@unb.br) – [www.psi-ambiental.net](http://www.psi-ambiental.net)

☞ Como citar

Duarte, L. C., Souza, T. Y., & Rosa, Th. C. S. (2001). Telefone Celular e Espaço Pessoal. *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental, N° 04*. Brasília, DF: UNB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

relações entre os indivíduos, a distância a que estão colocados outras pessoas na situação e as orientações corporais dos indivíduos entre si, a distância individual varia.

Sommer (2002) em sua revisão da literatura sobre espaço pessoal traz a definição de outros conceitos, além de distância individual, que também se sobrepõe ao de espaço pessoal como:

1. Distância de fuga: a distância entre indivíduos e membros de outra espécie vista como predadora. Nos estudos com humanos este conceito se torna a base de estudos sobre invasão do espaço pessoal.
2. Território: um espaço geográfico fixo caracterizado e defendido por um organismo e utilizado para sobrevivência. Embora o espaço pessoal seja descrito como um território portátil, existem diferenças importantes entre os dois conceitos. Território se refere a um local geográfico fixo enquanto espaço pessoal não. As fronteiras de um território são marcadas enquanto as do espaço pessoal são invisíveis. Espaço pessoal tem o corpo como centro enquanto o território tem a casa ou o ninho como centro.
3. Distanciamento: delimitar distância física entre o eu e os outros a fim de manter privacidade.
4. Espaço defensível: termo utilizado para descrever as maneiras pelas quais territórios bem delimitados e bem vigiados podem tornar-se bastante seguros.

Lyman e Scott (1967) em Sommer (1973) distinguem três formas de invasão territorial: violação (uso não autorizado do território); invasão propriamente dita (a presença física de um intruso dentro dos limites do território) e contaminação (tornar um território impuro com relação a seu uso e sua definição). Trazendo-se tais definições para o contexto do conceito de espaço pessoal caberia apenas a invasão propriamente dita devido ao tipo de território que se constitui o espaço pessoal. No entanto, além da proximidade física, existem invasões de outro tipo. Como por exemplo: ataques auditivos nos quais os estranhos impõem narrativas pessoais a infelizes companheiros de banco, em aviões ou ônibus, e invasões olfativas. No caso das “invasões auditivas”, é bem clara a invasão com o uso de celular.

A partir da noção de invasão pode-se pensar na defesa do espaço pessoal o que para Sommer (1973) é uma questão de gesto, postura e escolha de uma localização que revele um sentido claro para os outros. A defesa do espaço pessoal está relacionada com a defesa da intimidade e da privacidade. As pessoas utilizam várias estratégias de defesa como olhares ofensivos, colocar objetos como barreiras, afastar-se e etc.

Sommer (2002) apresenta uma estrutura funcional a qual pode servir de base para pesquisas relacionadas com o espaço pessoal. Tal estrutura sugere que:

1. Adultos irão procurar proximidade de: companheiros desejados, filhos que precisam de ajuda, pessoas com as quais possa fazer futuras alianças.

2. Adultos irão manter distancia de: indivíduos estigmatizados que irão afetar a sobrevivência ou a reprodução, estranhos, algum indivíduo que é percebido como uma ameaça, membros da família (tabu do incesto).
3. Outras predições relatam influências de fatores como a organização social, território, aglomeração ou *crowding* e respostas imediatas a invasões de espaço pessoal.

As aplicações do conceito de espaço pessoal e de estudos sobre o tema, segundo Sommer, são um teste da importância e da durabilidade do conceito. Algumas áreas de aplicação que podem ser identificadas são: projetos para definir a forma de móveis, ensinamentos sobre como se portar diante de membros de outras culturas sem invadir seu espaço pessoal, leis as quais definam distancias aceitáveis durante as interações de trabalho, por exemplo, que ajudarão a definir o que pode ser considerado ou não abuso sexual, entre outros.

Pensando-se nas possíveis aplicações do conceito de espaço pessoal na era digital, não se pode menosprezar o uso do telefone celular e seus efeitos. Muitas invenções, que hoje nos parecem fundamentais, já sofreram o processo de se tornarem tecnologias transparentes, ou seja, passam a não serem percebidas como inovações, sendo incorporadas ao cotidiano. Isso é muito curioso no que se refere aos primeiros anos do telefone: a forma como vai se incorporando à vida dos homens, tornando-se parte do seu mundo, mesclando-se as suas atividades e tomando seu espaço, até tornar-se o serviço imprescindível que é hoje. Em uma variedade ampla de contextos - no trabalho, no repouso, no lazer, na conveniência e na segurança - tem se tornado parte de nossa maneira de vida.

O século XX caracterizou-se pela capacidade de "criar" necessidades, e em poucos anos o telefone foi ganhando prestígio em todo o Brasil. Enfim, tornou-se uma necessidade, e hoje, todos sabemos, o telefone é, para muitas pessoas, realmente necessário e para instituições como bancos, empresas, etc., é um recurso sem o qual, se tornaria simplesmente impossível operar seus serviços. No Brasil, o telefone celular vem se expandindo num ritmo extremamente rápido, especialmente após abertura do mercado brasileiro de telefonia

De acordo com Dotti (1980), o telefone aparece na vida moderna como uma nova ameaça de violação da intimidade. A todo instante, cada indivíduo está em comunicação direta e indireta com outros seres humanos e é posto à corrente dos acontecimentos.

O telefone, hoje em dia, é um poderoso instrumento que serve não apenas aos fins pacíficos e sociais, como também se presta ao auxílio na prática de crimes e outros fatos que também agridem a vida privada. Dotti (1980) conceitua intimidade como a parte personalíssima, comumente reservada aos assuntos, desejos ou afeições de um sujeito ou de uma família e como zona espiritual íntima e reservada de uma pessoa ou de um grupo, ou seja, intimidade está relacionada com espaço pessoal.

Segundo Pool (1983), um processo chamado de convergência de usos está ocorrendo na mídia, na comunicação. A rede telefônica, que era usada quase totalmente para conversas entre pessoas, agora transmite dados entre computadores, distribui material impresso via fax e remete jornais sobre o tempo e esportes.

De acordo com Kerckhove (1997) o “homem da massa” dos anos 80 foi homogeneizado e despersonalizado; estava rodeado por uma rede de difusão mediática, preso num mundo feito para ele pelas indústrias da consciência. O “homem da velocidade” (atual) reage às pessoas e enfatiza as diferenças. Está em todo lado e no centro das coisas; como tudo se acelera à sua volta, não pode se dar ao luxo de desacelerar. A sua velocidade é o acesso instantâneo que tem às coisas e à informação. São produtores e agentes, não meros consumidores.

A democratização e proliferação das comunicações instantâneas e dos aparelhos de telecomunicação pessoais substituíram a antiga percepção do mundo por uma nova percepção de sua imediaticidade e transparência. O fosso entre o estímulo e a resposta comunicacional está a diminuir dramaticamente, aumentando o número de transações. As máquinas de fax e os telefones celulares encontraram lugar, criando uma espécie de continuidade entre planejar e executar em “tempo real”.

Os sistemas de processamento de informação, como os computadores e os vídeos são extensões de algumas das principais propriedades intelectuais de nossas mentes. Assim, para Kerckhove (1997), podem ser consideradas tecnologias de nossa psique – psicotecnologias. As psicotecnologias incluem os dispositivos e redes públicas e domésticas de processamento da informação “em directo”. No caso do telefone, o rádio, a televisão, os computadores e os satélites, por exemplo. Como mudam as relações no tecido social, reestruturam ou modificam também aspectos psicológicos.

As comunicações eletrônicas eliminaram o significado das fronteiras geográficas como interfaces de mercado. Também estão a corroer as fronteiras entre identidades locais e globais. O fluxo eletrônico delimita as nossas fronteiras pessoais.

Para Wagstaff (2002), poucos de nós param para pensar em quão revolucionário o telefone celular é. Ele nos permite estar sempre em contato com aqueles que são importantes para nós, nos liberta do confinamento em casa ou no escritório e nos permite gerar gafes sociais em encontros, festas, funerais, etc.

Os telefones celulares têm redefinido o conceito de espaço pessoal, que representa comunicação, assim como nos permite enviar mensagens para os outros, sendo que a maioria delas consiste em dados tão importantes quanto ícones de smile, piadas, etc.

Os telefones celulares, resumindo, têm alterado a forma como nos comportamos. O telefone se tornou uma extensão do nosso corpo, e nos sentimos perdidos sem ele. É a primeira coisa que se coloca sobre a mesa ao nos sentar-se no restaurante, em bares, escrivatinhas, etc.

Segundo Sadie Plant (2002), em seu tratado sobre entretenimento “Sobre o telefone celular”, aspectos do celular definem que tipo de pessoa somos: se o possuímos, como o usamos, quantos nomes guardados na memória, definem se somos alguém de fato. Ao passo que os telefones celulares nos transformam, também nos sentimos coagidos a garantir que ele se refira a muitas coisas sobre nós, como se indicassem características pessoais e de status social.

Para Mikorenda (2001), os celulares são a uma grande revelação da era digital. Uma proximidade acidental nos conecta com as vidas de estranhos. Sem pedir, nós somos presenteados com o cotidiano das outras pessoas, cujas mensagens são fixadas em nosso subconsciente. Existem muitas lições a serem aprendidas no uso do celular, como por exemplo: em locais compartilhados com várias pessoas, como restaurantes, salas de aula e outros, desligar o aparelho sempre que possível, caso não seja, a fim de não perder nenhuma ligação importante, transferir as chamadas para a secretaria eletrônica, colocar no *vibracall* ou para tocar no volume mais baixo; falar baixo e não gritar, se não estiver ouvindo direito ir para um local mais tranquilo.

O acesso instantâneo de grande parte da população mundial, não apenas das elites, é uma ferramenta de produtividade, mas a possibilidade de agir de acordo com maior disponibilidade tem um ponto negativo. Justamente porque você pode ser encontrado a qualquer hora, em qualquer lugar, tomar uma decisão não significa que você está preparado para isso.

Entrando na era digital, Sommer (2002), fala sobre o uso de telefone celular. O autor comenta que o telefone celular removeu a necessidade de locais fixos para o recebimento de mensagens. Uma pessoa pode estar em um local público com várias outras pessoas, cada qual engajada em uma conversa independente com outros que não estão presentes. Sommer (1973) já apontava o crescimento na comunicação via telefone, carta e teletipo na população ocidental, libertando a interação de limitações espaciais. Ele comenta que existem poucas publicações de estudos sobre os efeitos do uso de telefone celular no espaço pessoal. Segue sugerindo que o desejo de aumentar o espaço pessoal pode ser uma das motivações de se usar telefones celulares em espaços públicos.

Esse estudo trabalha com a distância interacional percebida, não objetiva, visto que, segundo Sommer (2002), o espaço pessoal é uma experiência fenomenológica. Esse senso de distância em encontros sociais é o espaço pessoal beta, medido indiretamente.

O objetivo deste estudo foi verificar as possíveis alterações no espaço pessoal de um indivíduo ao falar no telefone celular. Dentro deste objetivo investigou-se questões como:

1. Qual o nível de incômodo das pessoas ao falar no celular em espaços com densidade elevada?
2. Qual o nível de incômodo das pessoas ao falar no

celular de acordo com as características do invasor?

3. Qual o nível de incômodo das pessoas ao falar no celular de acordo com as características físicas do ambiente?
4. Qual o nível de incômodo das pessoas ao falar no celular de acordo com as características do contexto interacional?

Além da verificação das perguntas de pesquisa, foi realizado um levantamento de informações a respeito da situação de aquisição do telefone celular, tipo de utilização, motivos de uso e tempo de posse do aparelho.

## METODOLOGIA

### Participantes da Pesquisa

A amostra foi constituída por 102 respondentes, sendo 33,5% (n=34) homens e 66,5% (n=68) mulheres. A idade média foi de 32 anos, sendo a idade mínima 15 anos, e a máxima 60 anos, com um desvio padrão de 13 anos. Com relação ao grau de escolaridade, a maioria da amostra, 84% (n=85), apresentava terceiro grau completo ou incompleto.

### Procedimento

O instrumento (anexo I) foi administrado em interação pessoal com o respondente, sendo um instrumento auto-aplicável. Perguntava-se inicialmente se a pessoa possuía celular e, após um breve rapport, aplicava-se o questionário. Este foi aplicado em locais como supermercado, salão de cabeleireiro, campus de universidade, e lugares semelhantes.

### Questionário

O questionário visava abranger quatro fatores: nível de incômodo das pessoas ao falar no celular em espaços com densidade elevada; o nível de incômodo das pessoas ao falar no celular de acordo com as características do invasor; o nível de incômodo das pessoas ao falar no celular de acordo com as características físicas do ambiente e nível de incômodo das pessoas ao falar no celular de acordo com as características da situação, do contexto interacional.

Ele foi elaborado de acordo com recomendações de Günther (1994). Uma aplicação piloto foi realizada com 10 questionários a fim de resolver questões como linguagem, ambigüidade, se e como as perguntas estão sendo entendidas pela população-alvo. Esse questionário, composto por 25 itens e quatro questões abertas, contava com uma escala Likert de 5 pontos sobre frequência e era dada a opção “Não se aplica” em uma coluna ao lado da escala.

## RESULTADOS

Por meio de uma análise fatorial dos itens, constatou-se a existência de no máximo quatro fatores. Conforme pode ser visto na tabela 1 estes quatro fatores apresentaram valores de *Eigenvalues* maiores ou iguais a 1,5.

Tabela 1 Descrição dos valores de Eigenvalues

	Total	Variância %	Cumulative%
1	8,687	34,748	34,748
2	3,854	15,417	50,165
3	2,496	9,986	60,150
4	1,765	7,059	67,209

A Tabela 2 mostra a carga fatorial de cada item. Também pode-se observar que itens compõe cada fator. A nomeação dos fatores foi feita com base na semântica da maioria dos itens que compunha cada fator.

A Tabela 3 mostra a distribuição geral da frequência de incômodo sentido pelos participantes ao falar no telefone celular de acordo com cada fator encontrado. Pode-se observar que a maior frequência de incômodo (sempre) obteve 52,9% das respostas no fator compostos por itens relacionado com alta densidade em lugares fechados. Já a menor frequência de incômodo (nunca) obteve sua porcentagem de respostas mais elevada (33,4%) no fator relativo a características do invasor.

A Tabela 4 mostra a média geral das respostas de acordo com cada item. Pode-se observar que em lugares abertos, as pessoas apresentam uma baixa frequência de incômodo, porém quando alguma pessoa senta ao lado do usuário do telefone celular e presta atenção na conversa deste a frequência de incomodo é elevada.

Com relação a questão aberta referente aos motivos de uso, foi feita a categorização das respostas em 13 categorias, a saber:

1. Praticidade (eg., “praticidade que proporciona”)
2. Comunicação inespecífico, (eg.: “facilidade para me encontrarem”, “estar em contato e poder ser contactado”)
3. Comunicação com amigos/família, (eg: “falar com os amigos”; “manter contato com parentes e amigos”)
4. Emergência, (eg: “para eventuais situações de emergência”, “recurso em emergências” )
5. Facilidade de comunicação, (eg: “ agilidade na comunicação”)
6. Rapidez, (eg: “contactar alguém rapidamente”)
7. Preocupação com filhos
8. Comodidade
9. Motivos pessoais/profissionais, (eg.: “problemas pessoais a serem resolvidos”, “necessidade profissional” )
10. Necessidade, (eg: “atualmente acho difícil alguém viver sem ele”)
11. Segurança
12. Outros. (eg: “compra”, “cavalo dado não se olha os dentes” )
13. Pouco tempo em casa (eg: “porque saio muito de casa”, “quando fico muito tempo fora de casa”).

Após essa categorização uma análise das porcentagens de cada categoria mostrou que a comunicação, foi o

motivo mais freqüente destes usuários.

Tabela 5: *Porcentagem de respostas dos motivos de uso do celular.*

Categoria	%
Praticidade	11,3
Emergência	11,3
Motivos pessoais/profissionais	11,3
Comunicação inespecífico	13,5
Comunicação com amigos/família	13,5

Com relação ao tempo de posse do aparelho observou-se que a média foi de três anos e dois meses, com máximo de nove anos e mínimo de dois meses (desvio padrão = 23,7 meses). Na questão que tratava sobre o tipo de utilização, 65,7% dos respondentes utilizam o aparelho de forma pessoal. A maioria (63,7%) adquiriu o aparelho através de compra.

### DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo mostram que a maioria (52,9%) das pessoas sempre se sente incomodada ao falar no celular em lugares fechados e com alta densidade. De acordo com Sommer (2002), a alta densidade quando acompanhada por aglomeração produz proximidade indesejada e diminui as fronteiras do espaço pessoal. A aglomeração produz desconforto, menor desamparo e vários comportamentos compensatórios. Sob condições de excesso de gente, as normas sociais para a manutenção de intimidade substituem a falta de recursos físicos. Isso condiz com a conclusão de Gifford (1997) de que preferimos maior espaço entre nós e outras pessoas quando a quantidade de espaço é pequena. A ordem decrescente de incômodo dos usuários nesse tipo de ambiente fechado e com alta densidade é: ônibus (média 4,06), elevadores (média de 3,90), sala de aula (média de 3,77), escritório (média de 3,52) e bar (média de 2,87). Os resultados indicam que parece existir uma relação linear entre quantidade de espaço e nível de incômodo do usuário de celular. Mesmo quando a invasão do espaço pessoal é justificada, no caso do ônibus lotado e do elevador, existem algumas emoções negativas, tanto que os dois possuem os maiores níveis de incômodo.

Segundo Sommer (1973), Glen McBride (1965 citado) achou que a resposta galvânica da pele era maior na aproximação de uma pessoa do sexo oposto. Os resultados deste estudo não estão de acordo com esse achado de McBride, visto que as pessoas relataram que raramente ou às vezes sentiam-se incomodadas quando pessoas do mesmo sexo se aproximam em lugares abertos (média 2,29) ou quando pessoas do sexo oposto se aproximam em lugares abertos (média 2,58). Para Guilford (1982), geralmente os pares homem-homem mantêm distâncias maiores entre si, porém ressalta que esse comportamento reflete diferenças de socialização de homens e mulheres, e não diferenças biológicas. O gênero não é uma variável determinante, mas só influencia o espaço pessoal em interação com raça, idade, dentre outras.

Pode ser que esse baixo nível de incômodo, ao falar em

celulares, em locais públicos possa evidenciar o que Sommer (1973) denominou de “congelamento”, ou seja, a reação à invasão de seu espaço pessoal percebendo o invasor como um objeto ou como parte do “fundo”, ignorando a sua presença.

Guhl (citado por Sommer, 1973) afirma que as crianças não respeitam as fronteiras artificiais, invadem terrenos que não lhes pertencem, tomam conta de áreas públicas. Os participantes pouco se incomodaram se o invasor de seu espaço pessoal era uma criança (média de 2,10) ou se eram idosos (média de 2,61). Parece que a idade do invasor do espaço pessoal não influencia o nível de incômodo do usuário de celular. As pessoas podem não se importar com a crianças por saberem que elas não respeitam determinadas fronteiras.

Sommer (1973) relata que amigos se sentam mais próximos do que estranhos. No entanto, os resultados deste estudo, indicam que os usuários de celular raramente se sentem incomodados se o invasor é uma pessoa íntima ou um conhecido (média respectivas de 2,19 e 2,58) e às vezes se sentem incomodados se é um estranho (média de 3,16). No caso do assunto ser pessoal e o invasor é um estranho, os usuários freqüentemente se sentem incomodados (média de 4,10). É interessante notar que o tipo de assunto exerce grande diferença no nível de incômodo do usuário invadido. De acordo com Sommer (2002), adultos tendem a manter distância de pessoas estranhas, porém isso não foi corroborado neste estudo.

As pessoas se sentiram bastante incomodadas no item relativo a pessoa que senta próxima a você fica te encarando (média=4,16). Segundo Sommer (1973), Glen McBride (1965 citado) achou que a resposta galvânica da pele era maior quando uma pessoa sentia a aproximação frontal, enquanto que uma aproximação lateral provocava maior resposta do que uma aproximação por trás. De acordo com Kerckhove (1997) a visão é exclusiva e obsessiva. A visão frontal encoraja a especialização da atenção.

Os participantes relataram que, ao falar no celular, às vezes se incomodam quando uma pessoa se senta ao lado deles no banco de um shopping (média de 3,29). Isso é corroborado por Sommer (1973), numa observação de invasão de espaço pessoal de estudantes sentados em bancos ao ar livre. Esses estudantes mudavam de posição, saíam antes do banco, colocavam livros ou casacos como barreiras entre eles.

Com relação ao fato de existirem barreiras físicas, a média de 2,52 mostra que a barreira é um elemento que deixa as pessoas mais a vontade. Conforme a literatura o número excessivo de pessoas desperta a necessidade de regulamentos sociais que limitem a intimidade indesejável e que poderia surgir na ausência de barreiras físicas.

O fato de o motivo de uso mais citado pelos participantes ser a comunicação condiz com um estudo realizado por Ferrandi (2000) sobre a atitude acerca do uso do telefone celular. Tal estudo encontrou três dimensões principais para a escala de atitudes relacionadas ao uso do telefone celular: urgência, liberdade e contato

com os outros, ou seja, comunicação. Além disso, para Mikorenda (2001), é muito freqüente que a primeira pergunta que se faz para alguém que você ligou é saber onde a pessoa está. As pessoas querem ter um senso de que local as outras se encontram e o que elas estão fazendo, a fim de diminuir

### CONCLUSÃO

De acordo com Kerckhove (1997), somos capazes de integrar dispositivos na nossa identidade. Há necessidade do desenvolvimento de uma nova Psicologia equipada para lidar com o mundo que temos pela frente. Conhecimento psicológico está atrás do conhecimento da tecnologias. Objetivando uma interpretação abrangente e auto-actualizável das nossas vidas, à medida em que elas vão sendo influenciadas pelo meio cultural em mudanças. A Psicologia teria o papel de integrar e interpretar os efeitos da tecnologia nos sujeitos. O termo tecnopsicologia se refere ao estudo da condição psicológica das pessoas que vivem sob a influência da inovação psicológica. Telefone, rádio, televisão, computadores e outros meios combinam-se para criar ambientes que, juntos estabelecem um domínio de processamento da informação, o domínio das psicotecnologias.

Este estudo foi um passo inicial na tentativa de esclarecer alguns fatores relacionados ao uso do telefone celular e espaço pessoal. Frente a importância deste fenômeno no mundo atual, já que há uma tendência crescente de adesão ao celular, sugere-se novos estudos, visando levantar não só o nível de incômodo das pessoas como também se variáveis como sexo, tipos de ambiente, tipo de conversa, entre outros causam algum impacto na percepção das pessoas acerca de seu espaço pessoal ao utilizarem telefones celulares.

### REFERÊNCIAS

- Dotti, R. A. (1980). *Proteção da vida privada e liberdade de informação: possibilidades e limites*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Ferrandi J – M., Valette – Florence, P., Prime, N. F., Usunier, J – C. (2000). Linking personal values and time orientation: The case of the attitude towards cellular phone in France and Germany. *Convergno “ Le Tendenze Del Marketing in Europa”*. Università Ca’ Foscari Venezia 24 nov 2000. <http://www.escp-eap.net/conferences/marketing/html/pdf/ferrandi.pdf>
- Gifford, R. (1987). *Environmental psychology* (2nd.). Boston: Allyn and Bacon.
- Günther, H., & Rozestraten, J. A. R. (1993). Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9, pp 109-124.
- Kerckhove, D. (1997). *A pele da cultura : uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Relógio D’agua Editores.
- Mikorenda, J. O. K., I’m Going Cellular. (2001, 9 dec).

New York Times.

Plant, S. (2002), On The Mobile. [www.motorola.com/mot/documents7o,1028,297,00.doc](http://www.motorola.com/mot/documents7o,1028,297,00.doc)

Pool, I. S. (1983). *Technologies of freedom –one free speech in an eletronic age*. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press.

Sommer, R. (1973). Espaço pessoal (D. M. Leite, Trans.). São Paulo, EPU – EDUSP.

Sommer, R. (2002). From personal space to cyberspace. Em Robert B. Bechtel & Azra Churchman (eds.), *Handbook of environmental psychology*, 2<sup>nd</sup> ed. New York : Wiley

Sternberg, R. J. (1996). *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Wagstaff, J. (2002). Excuse me, my ego’s ringing. *Hong Kong: Far Eastern Economic Review*.

### ANEXO I : Instrumento - Texto das perguntas

Com que freqüência, você se sente incomodado (a) falando ao celular:(1) Nunca (2) Raramente (3) As vezes (4) Frequentemente (5) Sempre (6) Não se aplica

- 1) em lugares abertos (parques).
- 2) quando pessoas estranhas se aproximam.
- 3) se existirem muitas pessoas ao redor na escritório.
- 4) em elevadores com outras pessoas.
- 5) quando conhecidos se aproximam
- 6) quando uma pessoa senta-se ao seu lado no ônibus.
- 7) quando pessoas íntimas se aproximam.
- 8) estando na fila do cinema.
- 9) se você está conversado algum assunto pessoal e um estranho se aproxima
- 10) quando pessoas do mesmo sexo se aproximam em lugares abertos (parques).
- 11) se existirem muitas pessoas ao redor na sala de aula.
- 12) se a pessoa que senta próxima a você fica te encarando.
- 13) quando pessoas idosas se aproximam.
- 14) se existirem barreiras físicas (como divisória, pilastra, paredes finas) entre você e outras pessoas.
- 15) quando você está no teatro.
- 16) quando crianças se aproximam.
- 17) se a pessoa que senta ao seu lado presta atenção na sua conversa.
- 18) quando você está no supermercado.
- 19) se existirem muitas pessoas a sua volta em um bar.
- 20) quando você está no cinema.
- 21) quando você está em um restaurante
- 22) quando pessoas do sexo oposto se aproximam em lugares abertos (parques).
- 23) estando na fila do banco.
- 24) no ônibus lotado.
- 25) quando uma pessoa senta-se ao seu lado no banco de um shopping.

Tabela 2 Carga fatorial dos itens e divisão em fatores.

Itens	Fatores*				Média	dp
	1	2	3	4		
Quando pessoas idosas se aproximam	907				2.61	1.23
Quando pessoas do mesmo sexo se aproximam em lugares abertos	832					
Quando pessoas do sexo oposto se aproximam em lugares abertos	816	,464			2.58	1.18
Em lugares abertos	663				1.77	.88
Quando crianças se aproximam	624				2.10	1.04
Quando pessoas íntimas se aproximam	590			374	2.19	1.17
Se existirem barreiras físicas entre você e as outras pessoas	526				2.52	1.31
Quando uma pessoa senta-se ao seu lado no ônibus	454	,350			3.35	1.05
Quando uma pessoa senta-se ao seu lado no banco de um shopping	337	741			3.29	1.22
Se a pessoa que fica próxima a você fica te encarando		736			4.16	.90
Estando na fila no banco	325	728			3.06	1.12
Estando na fila do cinema	482	717			2.68	1.30
No ônibus lotado		697			4.06	1.03
Quando você está no supermercado	530	622			2.52	1.15
Se você está conversando algum assunto pessoal e um estranho se aproxima		611	,335		4.10	.98
Se existirem muitas pessoas a sua volta em um bar	302	465			2.87	.88
Quando você está no teatro			859		4.23	1.20
Se existirem muitas pessoas ao redor na sala de aula			813		3.77	1.36
Quando você está no cinema			809		4.39	1.05
Se a pessoa que senta ao seu lado presta atenção a sua conversa			723		4.39	.88
Se existirem muitas pessoas ao redor no escritório				823	3.52	1.09
Quando pessoas estranhas se aproximam				629	3.16	1.19
Em elevadores com outras pessoas		,338		605	3.90	1.01
Quando você está em um restaurante		,444		489	3.35	.84
Quando conhecidos se aproximam	371			372	2.58	1.15

\* 1 Características do Invasor

2 Situações

3 Densidade Alta em Lugar Fechado

4 Contato com Desconhecidos

Tabela 3 Porcentagem de respostas e média por fator relativas à frequência de incômodo.

Fatores	Níveis de Resposta					Média
	1 Nunca	2 Raramente	3 Às vezes	4 Freqüentemente	5 Sempre	
Características do Invasor	33,4	29,3	23,8	5,6	7,9	2,44
Situações	12,5	17,3	28,8	17,3	24,1	3,53
Contato com Desconhecidos	6,3	17,4	28,5	23,6	24,3	3,53
Densidade Alta em lugar fechado	6,8	7,8	10,4	22,1	52,9	4,2